

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS-UEG
CÂMPUS - POSSE**

**TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA DO ROMANCE A
VIUVINHA DE JOSÉ DE ALENCAR**

**DALCIONE PEREIRA MARQUES
GEOVANA ALVES DE MELO
MARIA EUGÊNIA CURADO – PROFA. ORIENTADORA**

Dalcione Pereira MARQUES - Graduada em Letras Português/Inglês – UEG Universidade Estadual de Goiás. Email - dalcione@hotmail.com.

Geovana Alves de MELO – Graduada em Letras Português/Inglês – UEG Universidade Estadual de Goiás. Pós Graduada em Literatura Brasileira - NAFPE – Núcleo de Atendimento e Formação Profissional. Email - geovanasud28@hotmail.com

Maria Eugênia CURADO – Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade de São Paulo -PUC-SP Docente do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e tecnologias da Universidade Estadual de Goiás- UEG. Email - curadoeugenia@hotmail.com

RESUMO

A literatura comparada se configura como importante fonte de informação que permite a comparação entre duas ou mais literaturas. Comparar é um ato natural do homem em suas ações do cotidiano. Diante disso podemos dizer que a literatura comparada não é um simples instrumento de acareação, pois tal prática não exige apenas um método investigativo dispendioso de condições para exploração nos campos da pesquisa e análise. Tendo como base os desdobramentos da literatura comparada, entre o romance de Jose de Alencar publicado em 1857 e o filme *A viúvinha* produzido em 2011, utilizou-se neste trabalho grandes nomes no ramo da intersemiótica para a tradução das duas obras.

Palavras-chaves: A viúvinha. Romantismo. José de Alencar. Comparativismo. Cinedramaturgia.

ABSTRACT

The Comparative Literature stands out as an important source of information that allows comparison between two or more literatures. Compare is an innate act of a man toward their everyday actions. Therefore, we can say that Comparative Literature is not a simple comparison tool, for this practice requires not only an investigative method. The Comparative Literature enables literary studies better operating conditions in the fields of research and analysis. Based on studies of Compared Literature this essay is going to analyze the relationship between *A viúvinha*, novel produced by José de Alencar , published in 1857 with a film homonymous produced in 2011 as a didactic material to lesson literature in high school .

Keywords: A viúvinha - Romantismo - José de Alencar - Comparativismo- Cinedramaturgia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo compreender as diferenças entre o romance *A viúvinha* (1857) de José de Alencar e sua transposição para o audiovisual. Para tanto se fez necessário uma breve pesquisa bibliográfica, na qual procuramos manter um diálogo entre as semelhanças e diferenças que houve na produção de tal evento realizado pelas acadêmicas do curso de Letras da UEG de Posse Goiás. Para que pudéssemos desenvolver este artigo elencamos estudiosos da área em estudo como, Joly Martine, Antônio Cândido e J. Sanders entre outros.

A escolha do tema deu-se pelo nosso interesse em compreender as adaptações necessárias quando um livro é traduzido para a tela do cinema. Optamos por José de Alencar em virtude da interessante releitura de seu romance *A viúvinha* por meio de produção cinematográfica além da beleza do período em que o mesmo foi escrito, o romantismo.

O enredo da obra de José de Alencar retrata o romance urbano vivido no período romântico em que expõe as características sociais as quais eram comuns aos burgueses que gastavam fortunas em festas e outros exageros. A mulher aparecia como figura delicada, dedicada aos afazeres do lar e à religiosidade. Para tanto este estudo divide-se três em partes.

O primeiro tópico descreve as características do romantismo, vida e obra de José de Alencar e um breve resumo sobre o romance em estudo. Apresenta um breve conceito sobre Literatura Comparada e L C de linha Americana a qual fundamenta este trabalho. No segundo momento, apresentamos o resumo do filme e o motivo pelo qual foi produzido. Finalmente, apontaremos características do século XIX presentes no comportamento das personagens, vestimentas e o cenário escolhido para as filmagens, como a velha Igreja do Divino e o casarão do professor e escritor Emílio Vieira, além de uma análise do trabalho fotográfico genuinamente produzido.

RAÍZES ROMÂNTICAS

Por meio do Romantismo, escola literária do século XIX, surgiu no Brasil um novo estilo artístico, a prosa de ficção. Em 1836 com a publicação de *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, consolidava-se a literatura romântica brasileira. A partir daí as obras se apresentam nacionalistas, mais comunicativas e espontâneas e um processo artístico consciente e autônomo nasce no país.

Nesta nova perspectiva literária os autores brasileiros trouxeram à tona um espírito patriota, mas ainda carregando a influência lusitana e valorizando as coisas da terra, como as tradições, a língua, o amor pelo Brasil. O romantismo “foi um período inicialmente de apenas uma atitude, um estado de espírito. Só mais tarde adquire a forma de um movimento e o espírito romântico passa a designar toda uma visão do mundo centrada no indivíduo” (CÂNDIDO, 2004, p. 53).

No novo cenário literário surge um personagem que identifica o Brasil em sua originalidade cultural, o índio. O personagem Peri em *O Guarani*, (1857) obra de Alencar representa esta nova ideologia. Outra vertente surge com o romance indianista, o autor retrata o cenário tropical brasileiro, enaltece as características próprias do povo, suas raízes e principalmente a conquista da independência. Já no regionalismo como em *O Sertanejo* (1875), Alencar traz um retrato do sertão nordestino.

Entraremos agora no universo do romance urbano, tema no qual este trabalho se insere. Terá como enfoque o romance *A viúvinha*, de José de Alencar que possui um conjunto de características que descrevem a sociedade do século XIX, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, sede da monarquia brasileira.

A escolha deste tema se deu pela paixão ao estudo das características do romantismo, as particularidades artísticas e das personagens deste período literário. Comparar a obra literária *A viúvinha* a uma adaptação cinematográfica permite-nos reviver uma época da arte brasileira. Nessa perspectiva o cinema por meio de imagem e som, proporciona ao telespectador uma viagem por mundos apenas idealizados no imaginário deste enquanto leitor.

Textos alimentam-se uns aos outros e criam outros textos, e outros estudos críticos; literatura cria literatura. Parte do prazer da experiência de leitura deve ser a tensão entre o familiar e o novo, e o reconhecimento tanto da semelhança quanto da diferença. (Adaptado de: SANDERS, 2006, p. 14)

De fato, a literatura produz literatura, quando um romance é visto pela ótica do cinema ele não perde as suas características literárias, apenas sofre adaptações exigidas para tal trabalho. O mesmo sofrerá críticas e análises de importantes críticos da área da cine dramaturgia e da literatura.

LITERATURA COMPARADA

A literatura comparada se designa como forma de investigação que faz confrontos com duas ou mais literaturas, no entanto quando analisada em trabalhos literários percebe-se que seu campo de investigação é muito mais complexo. Ela não pode ser postulada apenas como comparação, pois está em si não apresenta apenas um único método. O ato de comparar é um ato natural do homem diante da sua estrutura organizacional.

Quando a crítica literária faz análise de uma obra, faz-se necessário compará-la a obras de outros autores para que assim possa chegar a uma conclusão sobre os vestígios de suas origens. De acordo com Tânia Franco Carvalhal (1986) a literatura comparada funciona como recurso analítico e interpretativo, possibilitando ao estudo literário uma melhor exploração de seus campos de trabalho, traz em si a noção da transversalidade, abrangendo fronteiras idiomáticas ou no que diz respeito às áreas de conhecimento.

A literatura comparada é a história das relações literárias internacionais. O comparatista se coloca nas fronteiras, linguísticas ou nacionais, e examina as mudanças de temas, ideias, livros ou sentimentos entre duas ou mais literaturas. O seu método de trabalho deve deves adaptar-se à diversidade de suas pesquisas. (GUYARD, 1951, p. 12, trad. do A.).

A afirmação do autor acima é muito relevante, uma vez que segundo ele os comparatistas não se limitam apenas aos textos nacionais, eles vão, além disso, para aperfeiçoar seus trabalhos acerca de literatura comparada.

Segundo Claude Pichois e André Rousseau (1967) durante o período estruturalista fez-se necessário à sistematização dos estudos comparatistas, apesar de ressaltar a importância do caráter internacional e interlinguístico. Há a necessidade de uma descrição analítica, comparação metódica e diferencial; uma interpretação sintética de fenômenos literários através da história, da crítica e da filosofia.

Para que se teorize sobre uma obra, faz-se necessários estudos comparatistas, mesmo que num plano intertextual. Como poderíamos estudar a literatura de uma região se não compará-la com outras de lugares distintos. É imprescindível esse estudo, até mesmo para verificação de diferenças marcantes e semelhanças entre literaturas nacionais ou não.

Para René Wellek (1959) não há avaliação de uma obra que não antes passe por um estudo comparativista em uma perspectiva crítica e de interpretação. Já Eduardo Coutinho (2003) afirma que a Literatura Comparada não apresenta um método exclusivo de trabalho, mas serve-se ao contrário das diversas possibilidades que a crítica e a teoria oferecem, ressalta ainda que historiografia literária é bastante relevante no que diz respeito à investigação da Literatura Comparada.

De acordo com os estudiosos presentes no texto, a Literatura Comparada não pode ser vista como um simples método de abordagem nem área interna de estudos literários cabe à reflexão sobre essa discussão tão abrangente e significativa. Para a literatura brasileira ou as demais, estudos literários se fazem necessários no conhecimento de outras culturas e outros valores.

O LIVRO “A VIUVINHA”

A *viuvinha* foi publicado em 1857, num ambiente urbano. Um dos principais personagens, Jorge é um rapaz jovem, órfão e herdeiro rico de uma família nobre, o herói que se situava numa sociedade desigual. Carolina, seu par romântico na história, é a figura da mulher frágil, a tragédia se configura num ambiente de mistério e religiosidade mas o final feliz prevalece.

Após tempos de fartura e fanfarrices por parte de Jorge o senhor Almeida seu tutor, anuncia-lhe a ruína, ao encontrar-se pobre o rapaz se desespera, casa-se com Carolina e dá um jeito de forjar sua própria morte para que a moça não fique desonrada, para a sociedade da época uma mulher viúva era digna de respeito, uma mulher abandonada por seu noivo às vésperas do casamento já não teria tal tratamento.

Carolina, moça humilde, morava com sua mãe dona Maria no morro de Santa Tereza. Jorge a amava, mas sabia que sua condição atual não seria justa para com sua esposa e futuros filhos. Desejou a morte, mas o plano que arquitetou lhe daria tempo para longe dali recuperar sua fortuna e voltar mais tarde triunfante para viver seu grande amor. Carolina não podia imaginar tão grande sofrimento logo que se casasse, mas o desfecho de sua história seria surpreendente.

Depois da noite de núpcias, o jovem órfão simulou suicídio, aproveitando-se de um cadáver caído num beco, onde tragédias do tipo costumavam acontecer. Jorge fez parecer que aquele seria seu corpo, ouviram-se dois tiros naquela noite, o morto estaria desfigurado o que possibilitou a fraude. Por meio de uma carta deixada pelo personagem, chegaram à conclusão de que aquele era o marido de Carolina.

Longe dali, Jorge empenhou todos os seus esforços na tentativa de reerguer-se financeiramente, ao regressar dos Estados Unidos agora dono de uma pequena fortuna, nosso herói honrou o nome de seu pai pagando todas as suas dívidas, a viuvinha solitária passou a ser então alvo das investidas de Jorge. Graças ao apoio do Sr. Almeida que evitou uma tragédia, pois Jorge pretendia mesmo o suicídio, os ventos agora se davam a seu favor.

Carolina, fiel à memória de seu marido, negou a todas as tentativas de Jorge em aproximar-se dela, a moça manteve-se firme até que o jovem decidiu contar-lhe toda a verdade revelando o que havia ocorrido, o amor de Carolina reacendeu a chama que os tomou desde o primeiro olhar na igreja. Dona Maria mal podia acreditar ao ver o genro em sua casa novamente. Ambos passaram a morar juntos numa fazenda longe da cidade finalmente felizes.

O FILME A VIUVINHA

O romance de José de Alencar já descrito tornou-se uma produção de cinema executada por um grupo de acadêmicas do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás na unidade de Posse em 2011. O objetivo da produção fílmica era retratar de maneira prazerosa o livro *A Viuvinha* de forma que todos pudessem contemplar a obra através de uma releitura do texto de Alencar. Com adaptações intercaladas de uma narrativa dos fatos não encenados o trabalho segue analisado em relação à obra literária original.

O filme produzido apresenta os protagonistas do texto de Alencar retratados em imagem de película preta e branca na tentativa de aproximar-se a verossimilhança quanto ao enredo original. Percebe-se a riqueza de detalhes dos figurinos, como por exemplo, a roupa típica do século XIX, vestidos longos cobrindo as pernas e na maioria das vezes os braços, era uma maneira das mulheres demonstrar respeito.

Outro aspecto interessante em relação às mulheres no filme é o fato de estarem travestidas de homem. No período em que o livro foi escrito, a questão cultural no que diz

respeito às apresentações teatrais eram geralmente limitadas aos homens, portanto para que uma mulher pudesse participar de tal evento era necessário que elas se vestissem de homens.

O filme possui cenários naturais e de construções da era romântica, parte das gravações foram feitas na antiga cidade de Posse, datada de 1868 revelando as casas e a Igreja do Divino preservadas até os dias atuais. As cenas finais foram realizadas no casarão do escritor e professor Emilio Vieira onde podemos observar traços do período romântico. Assim como no romance de José Alencar o tempo no filme *A Viúvinha* (2011) também é cronológico, obedecendo a ordem dos fatos. À fotografia cabe uma análise especial que será feita mais adiante.

O TEMPO DO FILME A VIUVINHA

A adaptação ou tradução de obras literárias para o cinema tornou-se uma prática constante na contemporaneidade, com propósito comercial ou não, isso aproxima o leitor de livros muitas vezes conhecidos apenas pelo título, as possibilidades que as mídias dão de se condensar um enredo e torná-lo mais atraente por seu caráter representativo (áudio e vídeo), torna cada vez mais popular tal prática.

Quanto mais imagens vemos mais nos arriscamos a ser iludidos, agora que estamos apenas na alvorada de uma geração de imagens virtuais, essas novas imagens que nos propõem mundos ilusórios e no entanto perceptíveis, no interior das quais nós podemos movimentar sem para tal ter de abandonar o nosso quarto de dormir... (Martine Joly 1994 p.9)

De fato, a imagem transposta dos romances para a tela do cinema encanta. Isso porque, áudio e vídeo promovem uma sensação de nos levar a lugares inimagináveis. Cada vez mais a indústria cinematográfica busca na literatura maneiras de entreter seu público. O cinema colabora consideravelmente para a aquisição de cultura e aprendizado de modo geral, possibilita seu espectador ampliar seus conhecimentos sobre um determinado lugar sem precisar ter saído de seu país de origem.

Para Johnson, (1982, p.60) “entre uma imagem mental e uma imagem visual, entre a apreensão conceitual e a percepção direta, entre um meio essencialmente simbólico e um meio que trabalha com a realidade física”. Temos a afirmação de que entre literatura e cinema a história pode ser traduzida, porém o discurso faz a diferenciação um do outro.

No romance há uma leitura confidencial entre o leitor e todos os códigos que vem a sua imaginação durante o deleite da leitura, já na cinedramaturgia todo esse processo é instantâneo

e compartilhado com os demais na sala de cinema. Para André Bazin cinema “não pode existir sem o mínimo de audiência imediata” (BAZIN, 1999, p. 100).

Qualquer obra na tela ou nas páginas de um livro nos proporciona uma experiência única, as duas formas de leitura com suas particularidades nos levam a novos conhecimentos, entretanto cada uma possui seu valor individual. Uma adaptação cinematográfica detém impressões pessoais de seu autor assim como a obra escrita, portanto só podemos compará-las ou fazer considerações coerentes ao conhecermos ambas.

ROTEIRO “A VIUVINHA” (Adaptação Fílmica)

A viuvinha de José Martiniano de Alencar

Narrativa 1

Ato 1: **A descoberta da ruína.**

Cenário: Sala da casa (Em pé. Diálogo)

Geovana (Jorge): - Senhor Almeida eu me encontro muito feliz, vou me casar com uma mulher maravilhosa.

Dalcione (Sr. Almeida): - Fico feliz por você Jorge, mais infelizmente não trago boas notícias! Você tem gastado muito ultimamente, seus gastos lhe levaram a falência e sua vida está fracassada financeiramente, você está pobre!

Geovana (Jorge): - Mais como podes me dizer isto, estou prestes a me casar!? E Carolina?

Dalcione (Sr. Almeida): - Sim! É verdade! Eu jamais mentiria pra você!

Jorge se entristece.

Narrativa 2

Ato 2: **Na noite de núpcias**

Cenário: O quarto do casal (Sentados à cama) O doce.

Música romântica

Sibele (Carolina): - Jorge eu estou tão feliz! E você está feliz com nosso casamento?
(Som de pássaros).

Geovana (Jorge): - Claro que sim meu amor é tudo que eu mais queria na minha vida, esse é um momento tão bonito, nós precisamos comemorar! (Jorge pega as taças de vinho e coloca na taça de Carolina uma espécie de sonífero).

Geovana (Jorge): Você está linda! (Jorge entrega a bebida à Carolina).

Sibele (Carolina): Eu não gosto Jorge. (Carolina refere-se a bebida).

Geovana (Jorge): Só neste momento! (Jorge refere-se ao casamento e eles brindam ao seu amor)

Carolina adormece em seguida.

Geovana (Jorge): Oh minha querida eu sinto tanto.... (Jorge refere-se ao que está prestes a fazer)

Narrativa 3

Ato 3: O suicídio

Cenário: Lugar aberto. Na cidade. Próximo à igreja e casarões antigos.

Música de Suspense. Tristeza

Jorge caminha armado, tem a pretensão de suicidar-se. Na obra de José de Alencar ouvem se apenas tiros. Na adaptação cinematográfica o ato foi alterado pela imagem de Jorge com a arma em punho para aguçar a imaginação do público alvo e dar vigor a cena.

Dalcione (Sr. Almeida): (entra correndo) - Jorge, Jorge! Não faça isso! O que você está querendo fazer com sua vida?

Geovana (Jorge): (abaixando a arma) - Porque é que o senhor veio me atrapalhar senhor Almeida!? Minha vida já não faz mais sentido!

Dalcione (Sr. Almeida): - Faz sentido sim, você pode refazer a sua vida indo para os Estados Unidos! (Ouve se um tiro).

Narrativa 4

Ato 4: **O admirador secreto**

Cenário: A janela da casa da viuvinha

Música Romântica

Neste ato Carolina aparece em sua janela surpresa com uma carta das muitas que recebeu de um “admirador secreto”, assim como uma rosa cheirosa e perfumada. Ela olha de um lado para outro na tentativa de identificar o homem misterioso em vão.

Sibele (Carolina): ato na janela

Narrativa 5

Ato 5: **No encontro a surpresa**

Cenário: Banco da Praça (Praça Mãe Loló) Carolina sentada.

Jorge em pé atrás de Carolina Diálogo:

Geovana (Jorge): - Eu sou aquele que tem lhe mandado as cartas de amor e as rosas todas as noites. (O momento em que Jorge se revela a sua amada).

Sibele (Carolina): – Desculpe-me mais não posso corresponder a este sentimento. (Carolina refere-se ao respeito que tem pela memória do marido).

Geovana (Jorge): - Mas porque se eu a amo?

Sibele (Carolina): – Eu amo meu marido!

Geovana (Jorge): - Mais voce não está viúva? Seu marido morreu!

Sibele (Carolina): – Mais eu ainda sou fiel a ele!

Carolina se volta para trás e fica surpresa com seu admirador: É Jorge!

Narrativa 6

Ato 6: **O amor se concretiza**

Cenário: A casa do casal

Bianca (Dona Maria, mãe de Carolina): - Carolina! (Batendo na porta do quarto).

Jorge e Carolina saem do quarto felizes.

Bianca (Dona Maria): - Jorge!!! (Admirada ela desmaia)

Narrativa 7

Ato 7: Jorge e Carolina para sempre

Cenário: Jardins da casa do poeta e escritor Emílio Vieira

Música de fundo

O casal entra de mãos dadas em meio às flores.

Fim.

Apresentação do elenco: Bianca, Dalcione, Geovana e Sibeli.

FOTOGRAFIA DO FILME “A VIUVINHA”

O uso da fotografia no filme *A viuvinha* faz alegoria ao estilo romântico do século XIX, uma vez que retrata os valores agregados a tal escola literária. Observa-se que em todas as fotos usadas na produção, utilizou-se película em preto e branco, característica do período em que Jose de Alencar escreveu sua obra, em 1847, Gustave Le Gray, fotógrafo francês, já fazia um trabalho de registros desta natureza, imagens em preto e branco no campo da fotografia em papel.

Em meados deste século, a semiologia das imagens passou a estudar de maneira aprofundada as mensagens visuais na arte em geral. Destaca-se “A questão inaugural de Barthes” – *Como é que o sentido vem até às imagens?* (Roland Barthes, 1964). O questionamento propunha uma reflexão quanto à linguagem visual, suas especificidades, em que difere da linguagem verbal e concluindo, sua complexidade na produção dos sentidos.

Nas fotos do filme houve a intensão de fazer o expectador adentrar no cenário romântico do século XIX. Assim, o ambiente escolhido para o desenvolvimento do trabalho foi o antigo centro da cidade de Posse, uma vez que este ainda preserva a cultura característica do período

romântico, a exemplo dos casarões presentes nesta parte da cidade, incluindo a velha Igreja do Divino.

As imagens propõem uma transformação no tempo e no espaço, são possíveis ícones com vestígios característicos de um dado momento histórico cujo objetivo é aproximar o olhar que as contempla quanto à realidade vivenciada pelas personagens.

O que distingue estas imagens fabricadas é que elas são *vestígios*. Na teoria são, pois *indícios* antes de serem ícones. Daí resulta a sua força. (...) embora a maior parte do tempo ilegíveis para o não especialista, elas alicerçam o seu poder de convicção no seu aspecto indiciário e já não no seu caráter icônico. (Martine. Joly, 1994).

Podemos ver os cenários acima descritos nas últimas cenas do filme, aparecem, a igreja, as casas que compõem a velha Posse, e ainda o casarão do importante escritor goiano Emilio Vieira, este luta pela conservação e valorização das raízes da cultura local. O casarão pode ser considerado um centro cultural, pois possui riquíssima biblioteca e um jardim maravilhoso, onde foi possível caminhar e fotografar.

A primeira fotografia retrata Jorge lendo na biblioteca, no figurino um paletó escuro, chapéu e barba bem feita. No romantismo a leitura era extremamente valorizada entre os nobres e burgueses. A imagem revela em Jorge um olhar distante da realidade, compenetrado, melancólico, dando a ideia de que sua leitura seria supostamente nostálgica.



Foto do filme “A viuvinha” (2011). Fig. 1

O ideal de comportamento e perfil de moda do século XIX está ligado ao espírito individualista e contexto social da época, numa análise sociológica

LIPOVETSKY (1997) expõe:

(...) é um reflexo de sua época e no decorrer das mudanças históricas, o surgimento da temporalidade breve da moda significa a disjunção com a forma de coesão coletiva que assegura a permanência costumeira, o desdobramento de um novo elo social, paralelamente a um novo elo social legítimo (LIPOVETSKY, Gilles 1997).

Na segunda imagem, temos Dona Maria, mãe de Carolina, sua vestimenta é recatada. Neste período a mulher devia se portar de maneira discreta e honrada, caso contrário seria adjetivada por rótulos vulgares. Na imagem, observamos também que a porta e a janela compõem o cenário, sendo elas modelos antigos, comuns ao período presente na obra em estudo.



Foto do filme “A viuvinha” (2011). Fig. 2

Na terceira imagem temos o Sr. Almeida, nota-se que ele carrega um olhar de preocupação, provavelmente por ser conhecedor dos problemas vividos por Jorge. Sr. Almeida também se porta elegante usando paletó, ao fundo de sua imagem uma estátua e um móvel antigo.



Foto do filme *A viuvinha* (2011). Fig. 3

Carolina presente na quarta imagem revela traços sublimes, característica romântica. Em 1957, Edmund Burke afirmava que tal estilo era “predominante entre os artistas do romantismo”, o sublime seria tudo que fosse grandioso, singelo e que exaltasse a alma. Na fotografia vemos a leveza no semblante da moça, a frente da foto é escura e ao fundo um clarão provocado pelo excesso de luz solar, confirma sua beleza angelical.



Foto do filme *A viuvinha* (2011). Fig. 4

José de Alencar, autor romântico e ator social, teve influência direta no cotidiano de suas leitoras quanto ao vestuário, por suas minúcias e notável simbolismo. NEJAR (2011), afirma que:

Criou Alencar os mais variados tipos no painel de personagem. (...) Vigendo, ali, duas leis: a dos acontecimentos, com o passado influenciando no presente dos protagonistas e a dos desequilíbrios sociais, modificando os destinos. Sem esquecer – o que não é lei, é argúcia do que escreve: a força das minúcias dos objetos, gestos, atos, caracterizando hábitos, vestimentas, que integram seu romance, prendendo o leitor (NEJAR, Carlos 2011).

É importante observar a seriedade no semblante das pessoas em imagens antigas, um fator cultural típico do século XIX, também retratado no trabalho ora analisado. Segundo Nicholas Jeeves em seu artigo *The Serious and the Smirk: The Smile in Portraiture* (1954): “Era algo bem estabelecido que quem sorria abertamente, na vida e na arte, era somente o pobre, o libidinoso, o bêbado, o inocente e quem trabalha para entreter a outros”.

Na quinta imagem, Jorge e Carolina veem afirmar as características românticas presentes nos cenários da produção fílmica, num clima de despedida vemos a concretização de seu amor, a cena revela a beleza bucólica de um jardim maravilhoso por trás de uma imagem em preto e branco, estilo que prevalece em todas as fotografias da obra.



Foto do filme “A viúvina” (2011). Fig. 5

CONCLUSÃO

Em *A viúvina* tanto escrita quanto o filme podemos identificar muito das impressões de José de Alencar no que diz respeito aos aspectos da arte romântica e suas características além de sua crítica social aos costumes burgueses da época.

O enredo do livro narra os princípios e valores do século XIX, o mesmo propõe uma leitura agradável e informativa, pois descreve o cenário carioca de 1857 em diversos aspectos. O filme, no entanto faz uma adaptação das principais cenas da obra que intercalado de uma narrativa verbal foi apresentado como trabalho literário na UEG Unidade de Posse por acadêmicas de letras.

Para os estudiosos comparativistas comparar é um ato inerente ao homem, a pesquisa com base nesses autores da intersemiótica conclui que em ambas as obras podemos perceber a impressão pessoal de cada autor, entretanto mesmo o filme não sendo uma adaptação fidedigna ao livro não há interferência na essência do texto.

Transpor uma obra literária das páginas para a tela propõe uma releitura do texto original, ressalta-se a importância de conhecer os dois trabalhos para que façamos uma análise comparativa coerente, conceitos e conhecimentos prévios podem influir na interpretação textual, diferente da percepção direta que contém as imagens de uma adaptação fílmica.

Neste artigo relatou-se a viagem através dos sentidos que os métodos de exposição da obra podem proporcionar, lendo um livro usamos a imaginação prática de suma importância para o crescimento cognitivo, assistindo a uma adaptação do mesmo para o cinema somos apresentados aos personagens e ao mundo onde vivem.

A viuvez é um clássico romântico que ao se tornar filme trouxe a possibilidade de outra tradução para o trabalho de Alencar através de um novo olhar crítico. É notório que os dois trabalhos fazem um paralelo da ficção com a realidade, em que podemos associar a obra à vida. Faz-se necessário ressaltar a fotografia do filme, na tentativa de aproximar-se ao verossímil as alunas autoras conseguiram retratar cenário e personagens típicos, um belo trabalho.

REFERÊNCIAS

ARBUS, Diane. Artigo: O Romantismo e a fotógrafa Diane Arbus.

In: <http://abstracaocoletiva.com.br/2012/11/07/o-romantismo-e-a-fotografadiane-arbus/>

Acesso: 14/10/15.

BAZIN, Andre.(1991) O cinema. São Paulo: Brasiliense.

_____.(1999) Por um cinema impuro. Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense. Texto Xerocopiado.p. 83-104

CÂNDIDO, António. **O Romantismo no Brasil**, 2 ed., São Paulo: Humanitas, 2004. p 53.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada na América latina: ensaios**. Rio janeiro: Ed UERJ, 2003.

GUYARD, Marius, François. **La Littérature comparée**. Paris: PUF, 1951.

JOHNSON. Laird, P. **Mental models**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 294.

MARTINE. Joly. **Introdução a Análise da Imagem**. Arte de Comunicação Lisboa Ed. 70, 2007.

NEJAR. Carlos. **História da Literatura Brasileira: da Carta de Caminha aos Contemporâneos**. 2 ed. São Paulo: Leya, 2011.

PICHOS. Claude e ROSSEAU, André. **La Literature comparée**. Paris: Colin, 1967.

ROLAND. Barthes, Rhétorique de L'image, In: **Communications**, n. 4, Seuil, 1964.

SANDERS. J. Adaptation and appropriation. London and New York: Routledge, 2006.

WELLEK, René. The Crisis of Comparative Literature..In: FRIEDERICH, Werner, org. **Comparative Literature: Proceedings of the Second Congress of the ICLA**. 2 vols. Chapel Hill. Uni. Of north Carolina Press, 1959.